

CORREIO POLÍTICO

Marcelo Camargo/Agência Brasil



É prudente Lula ignorar “os idos de março”?

A eleição de outubro e “os idos de março”

Na clássica tragédia “Julio Cesar”, de Shakespeare, quem dá o recado é um cego. Na peça, ele se aproxima do líder romano e sussurra no seu ouvido: “Cuidado com os idos de março”. Julio Cesar não dá bola para o aviso e, no dia 15 de março, ele é assassinado, esfaqueado pelos senadores. Na quarta-feira, 10 de março, pesquisa Quaest apresentou um rigoroso empate em 41% entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) em um eventual segundo turno. Outras pesquisas já vinham apresentando essa tendência de crescimento de Flávio e redução da vantagem de Lula. Ao comentar a pesquisa, o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), minimizou os números.

Será que ainda é cedo?

Na avaliação de Jaques Wagner, pesquisas divulgadas com essa antecedência não teriam resultado muito útil. As eleições acontecerá daqui a sete meses. As candidaturas sequer estão formalizadas, o que só acontecerá em meados do ano. Para Wagner, portanto, “ainda é cedo”. Mas, ainda que não gere pânico, a pesquisa serve como alerta. Ignorar os “idos de março” não foi prudente na Roma de Cesar. E no Brasil de agora? Será prudente?

Vinicius Loures/Câmara dos Deputados



Em março de 2002, quem ameaça Lula era Roseana

Boas e más notícias para o governo

O Correio Político resolveu verificar o que mostravam pesquisas eleitorais em março dos anos de disputa presidencial desde 2002, primeira vitória de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente. E essa verificação traz boas e más notícias para o governo. Em alguns casos, corrobora a tese de Jaques Wagner de que muita água ainda rola por debaixo da ponte entre março e dezembro. Em outros, mostrou posições mais consolidadas, que se alteraram sem virar resultados. De qualquer modo, pareciam já projetar leituras do que viria a acontecer depois.

Em 2002, risco parecia ser Roseana

Em março de 2002, pesquisa Datafolha projetava sobre Lula a sombra de Roseana Sarney como candidata do MDB. E ela nem chegou ao final. Naquela ocasião, havia um empate técnico entre os dois no primeiro turno, Lula com 26%, Roseana com 23%. A Quaest agora mostra Lula com 37% e Flávio com 30%. No Datafolha, Lula tem 38%, Flávio, 32%.

POR
RUDOLFO LAGO

Disparado em 2006

Em 2006, Lula aparecia disparado na liderança contra seu principal adversário, Geraldo Alckmin, então no PSDB e agora seu vice, pelo PSB. Lula tinha 42% e Alckmin, 23%. Lula venceu Alckmin no segundo turno. Em março de 2010, no entanto, o cenário não apontava para a vitória de Dilma Rousseff (PT).

Serra em 2010

Datafolha de março de 2010 mostra José Serra, do PSDB, na frente da ministra da Casa Civil que Lula escolheu para ser a sua sucessora na sua impossibilidade de disputar nova eleição. Serra aparecia à frente com 35% das intenções de voto, e Dilma tinha 20%. Em outubro, Dilma venceu as eleições sobre Serra.

Dilma em 2014

Já em 2014, o quadro que pesquisa do Ibope apresentava apontava para uma reeleição tranquila de Dilma. Segundo a pesquisa, ela tinha 40% das intenções de voto contra Aécio Neves, seu adversário pelo PSDB. Dilma venceu e foi reeleita. Mas não com toda essa vantagem. O resultado foi apertado.

Sem Lula

Em 2018, Lula pretendia voltar à disputa, mas já havia em março a expectativa da sua prisão que, de fato, aconteceu em abril, tornando-o inelegível. Pesquisa CNT/MDA testava cenários com e sem Lula. Com Lula, ele vencia Jair Bolsonaro: 33,4% a 16,8%. Sem Lula, quem vencia era Bolsonaro: 20% contra 12,8% de Marina Silva (Rede).

Haddad

Fernando Haddad, que foi quem de fato disputou a eleição com Bolsonaro até o segundo turno, aparecia somente com 2,3% das intenções de voto. Chegou a aparecer mais tarde bem próximo de Bolsonaro. A facada em setembro, o atentado contra Bolsonaro, pareceu sacramentar sua vitória.

Lula em 2022

Em março de 2022, Lula tinha uma vantagem tranquila sobre Jair Bolsonaro. Segundo o Datafolha, ele tinha 43% das intenções de voto contra 26% de Bolsonaro. O resultado final do primeiro turno foi Lula com 48,43% e Bolsonaro com 43,2%. Assim foram “os idos de março” nas eleições passadas.



Destino provável de Tebet é o PSB de Alckmin

Simone Tebet vai disputar Senado por São Paulo

Datafolha aponta possível vantagem para ministra

Por Gabriela Gallo

A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet (MDB), confirmou sua candidatura ao Senado Federal pelo estado de São Paulo. A confirmação foi declarada nesta quinta-feira (12) durante o Fórum Nacional de Secretários Estaduais de Planejamento, em Mato Grosso do Sul.

Segunda a então ministra, a candidatura atende a um pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e também do vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin (PSB). Ela deve deixar a pasta até o final de março.

“Política é missão. Eu vou com muita tranquilidade disputar um processo eleitoral que eu entendo ser muito importante para o Brasil”, afirmou. Para além negociações que ela já vinha tendo com o presidente Lula e Alckmin sobre sua possível candidatura, a ministra completou que primeiro buscou resolver questões familiares antes de confirmar a candidatura.

“Eu precisava das bênçãos da minha mãe, que tinha a expectativa de que eu pudesse voltar para a casa dela [no Mato Grosso do Sul], ficar mais próxima dela. Depois de explicar a situação para a minha mãe, eu decidi cumprir a missão [de concorrer ao Senado]”, completou.

Antes do assumir o Ministério

rio, Simone Tebet foi senadora pelo Mato Grosso do Sul, sua base eleitoral, de 2015 a 2023.

Dentre os destaques de seu mandato como senadora está sua ativa participação durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou a atuação do então governo de Jair Bolsonaro (PL) no combate à pandemia de Covid-19.

Para concorrer ao Senado em São Paulo, Tebet precisará de desfiliação do MDB porque o partido confirmou que apoiará a candidatura à reeleição de Tarcísio de Freitas (Republicanos) para governador do estado.

Ela ainda não confirmou para qual partido deve se filiar para as eleições em outubro, mas a expectativa é que vá para o PSB, partido de Alckmin.

A agora candidata ao Senado disse que os resultados eleitorais de 2022, quando concorreu para a Presidência da República no primeiro turno eleitoral, influenciaram sua decisão em deixar seu colégio eleitoral e integrar o parlamento eleitoral por São Paulo.

Outro indicativo foi a Pesquisa Datafolha, divulgada nesta quarta-feira (11), que apontou Tebet como a segunda ao Senado com maior intenção de votos (25%), ficando atrás apenas do ministro da Fazenda, Fernando Haddad (30% das intenções de voto). Mas provavelmente Haddad deverá sair candidato a governador.